



O mar em festa

Paraty recebe evento que promove a troca de saberes entre a universidade e a sociedade

Nos dias 26 e 27 de agosto, a 9ª Festa do Mar, evento que visa estimular ações de desenvolvimento local e social, promoveu uma intensa troca entre a academia e a comunidade de Paraty e arredores.

(página 6)



Ou inventamos ou erramos:

Torres, Venezuela mostra novos caminhos para democracia na América Latina

(página 8)



A extensão em livros

SOLTEC lança sua trilogia e livro sobre empresas recuperadas no Brasil e na Argentina

(página 4)



Reciclagem com inclusão

social dos catadores: fortalecimento de políticas públicas municipais

(página 14)

EDITORIAL

Por Kellen Aires

Em 2015, ano em que a UFRJ, uma das maiores universidades públicas do país, completou 95 anos, um turbilhão de acontecimentos se abateram sobre ela, fruto da atual realidade brasileira, resultando em menos verbas para a educação. Estudantes, técnicos e professores, indignados com a situação, promoveram uma grande greve contra os sucessivos ataques aos seus direitos. O corte de R\$ 9 bilhões no orçamento do Ministério da Educação foi ressentido em escolas e universidades públicas de Norte a Sul do país, deixando um cenário de grandes privações e incertezas.

Mas nem tudo é ruim, esse ano travamos muitas lutas dentro e fora da universidade, as mulheres foram às ruas, os trabalhadores terceirizados pararam a universidade, elegemos um reitor que dialoga com os movimentos sociais. Resistir é preciso! Sem esmorecer, vamos seguir incansáveis na construção de uma universidade democrática, crítica e autônoma, que acredita nas políticas de ensino, pesquisa e extensão e no seu poder de transformar os alunos de hoje em cidadãos capazes de construir uma nova sociedade no futuro. Vamos lutar com as nossas melhores armas: o conhecimento e a solidariedade.

E falando em extensão universitária, aqui estamos, com a agradável missão de pegá-l@ pela mão e conduzi-l@ para leitura desse jornal de nome gracioso, construído por estudantes, que em sua 14ª edição vai se propor a relatar, narrar, contar, fatos vividos dentro e fora da UFRJ, por alunos, professores, técnicos e terceirizados que de uma maneira ou outra integram esse espaço chamado Núcleo de Solidariedade Técnica (SOLTEC).

Saindo do Fundão, fizemos uma visita à Torres, município Venezuelano, para ver de perto como é possível construir uma democracia participativa. No universo das tecnologias da informação, um termo que está em voga é a vigilância, já que você, cidadão comum, pode ter sua conta de e-mail facilmente monitorada e nem se dá conta disso. E será que essa vigilância não depõe contra os movimentos sociais, greves e sindicatos? Pois bem, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) muitas vezes não é visto com bons olhos, ainda existe o estigma deixado no imaginário popular de que o movimento estimula roubo de terra alheia e é composto por marginais ou terroristas. Nessa edição você terá a oportunidade de desmistificar esse senso comum e compreender melhor o que está por trás dessa luta. E a greve, e os sindicatos, o que têm a ver com a terceirização? Muito mais do que você imagina! Aliás, será que sabemos o nome ou já cumprimentamos algum profissional terceirizado, que proporciona a organização e limpeza dos espaços que usamos dentro e fora da universidade? Eles não são invisíveis, acredite!

Na sociedade são descartados diariamente centenas de toneladas de resíduos que poderiam ser reciclados. Apresentamos aqui um trabalho com catadoras e catadores, que dali tiram seu sustento, e contribuem para uma sociedade mais sustentável. Trazemos, em outro artigo, a problemática da poluição da baía de Guanabara que recebe 18 mil litros de esgoto por segundo. E por fim, destacamos o lançamento da Trilogia Soltec, em que são contadas refletidas e criticadas as experiências de dez anos de existência desse núcleo.

Boa Leitura!

SUMÁRIO

O que é SOLTEC?	3
A extensão tecnológica em livros	4
O mar em festa	6
Baía Viva e a RESEX de Itaipu	7
Ou inventamos ou erramos	8
Sorria, você está sendo vigiado	9
Sem Terras ocupam o Latifúndio do Saber	11
Relatando a opressão da mulher negra na terceirização	12
Atuação do CAEng na construção de uma Engenharia crítica	13
Reciclagem com inclusão social dos catadores	14
Varal de poesias	15
Expediente	16



O que é SOLTEC?

Maitê Ramos e Felipe Addor

O Núcleo de Solidariedade Técnica UFRJ (SOLTEC) é um grupo de estudantes e professores que desenvolvem trabalhos de extensão na UFRJ, associando o ensino e a pesquisa. Os grupos extensionistas têm como objetivo fortalecer a integração entre universidade e sociedade, e fazer ligações práticas e solidárias. O SOLTEC/UFRJ também integra o Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social (NIDES), unidade que agrupa os principais projetos da universidade que atuam na extensão com a temática da tecnologia para o desenvolvimento social.

Somos um grupo que acredita que a universidade não é apenas mero instrumento acadêmico para preparação para o mercado de trabalho, mas que deve, enquanto ambiente de pesquisa e formação, auxiliar diversas camadas da população que muitas vezes são excluídas desses espaços. Nossos integrantes são bolsistas de diversos cursos, o que fortalece uma perspectiva de atuação interdisciplinar.

O SOLTEC tem grupos temáticos que estudam uma variedade de problemáticas sociais. A Rede de Informação e Pesquisa de Resíduos (RIPER) visa compreender o contexto da reciclagem de resíduos sólidos e contribuir para a melhoria das condições de trabalho dos catadores. A Pesquisa na Cadeia Produtiva da Pesca no Litoral Fluminense (PAPES-CA) busca estudar a problemática da pesca artesanal e identificar



Planejamento Estratégico Anual do SOLTEC na Escola Nacional Florestan Fernandes, 2015 (Guararema - SP)

Arquivo Soltec

melhores perspectivas. O projeto Comunicação Comunitária desenvolve ações em comunidades, particularmente Cidade de Deus, buscando a construção de ferramentas de comunicação nos territórios. O programa Tecnologia da Informação para Fins Sociais (TIFS) promove o uso das ferramentas da tecnologia da informação (softwares, portais, etc) para a integração de organizações sociais e para contribuir para a gestão pública de problemas sociais. O projeto Organização do Trabalho e Autogestão (OTA) tem como foco ver as possibilidades de construção do ambiente de trabalho pensado para os trabalhadores, a partir de experiências de empreendimentos autogestionários. Etnodesenvolvimento e Economia Solidária é um projeto que visa refletir sobre os caminhos para se pensar o desenvolvimento das comunidades tradicionais (quilombolas, indígenas, pescadores) tendo tido importante atuação em Paraty. Os integrantes do projeto Democracia Participativa e Poder Popular na América Latina (PPAL) buscam aprofundar

seus conhecimentos sobre experiências participativas na América Latina. O Projeto de Economia Popular Urbana (PEPU) busca desenvolver ações que fortaleçam atividades da economia popular em comunidades do Rio de Janeiro, com foco na Cidade de Deus. Por fim, o projeto Assessoria à Gestão e Produção na Coopaterra desenvolve um trabalho de apoio a uma cooperativa de agricultores familiares.

O SOLTEC é um espaço fundamental de aprendizado, ensinando que uma atuação profissional para a transformação da realidade não se baseia unicamente em conhecimentos técnicos recebidos em sala de aula, mas, principalmente, na capacidade de análise crítica da realidade, que permita compreender os diferentes fatores políticos, econômicos, sociais, culturais que interferem naquela realidade e que precisam ser considerados para o desenvolvimento de ações de melhoria de vida da população brasileira. ■

O mar em festa

Paraty recebe evento que promove a troca de saberes entre a universidade e a sociedade

Stephanie Carolina

Nos dias 26 e 27 de agosto, a cidade de Paraty recebeu a 9ª Festa do Mar e do Sol, evento coordenado pelo Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social-NIDES/UFRJ, que promove a integração entre a comunidade acadêmica e sociedade por meio de oficinas expositivas sobre os diversos saberes da UFRJ. A Festa do Mar e do Sol é uma versão reduzida do Festival UFRJ Mar, cuja finalidade é a divulgação dos trabalhos acadêmicos voltados à cultura marítima em regiões onde há alto potencial para desenvolvimento de atividades, porém com pouca perspectiva de ingresso à universidade ou outra especialização. Edições anteriores do UFRJ Mar foram realizadas em Cabo Frio e Búzios, sempre contando com expressiva presença de escolas locais. Na edição de 2015 da Festa do Mar, foram realizadas 30 oficinas organizadas por estudantes, professores e técnicos de áreas como Educação Física, Odontologia, Gastronomia, Engenharias, Astronomia e Arqueologia. Indígenas e caiçaras, integrantes e bolsistas de projetos extensionistas em parceria com o SOLTEC, também

compartilharam seu conhecimento. As atividades esportivas ocorreram na Praia do Pontal enquanto as demais se concentraram na Praça da Matriz, localizada no Centro Histórico da cidade. Para a maioria das crianças, o evento proporcionou o primeiro contato prático com a teoria aprendida na escola. Além disso, foi uma experiência enriquecedora para os 150 integrantes da UFRJ que se voluntariaram a levar esperança e ciência para a região da Costa Verde. Os jovens tiveram a oportunidade de praticar polo aquático, corfebol, atletismo e demais esportes de areia, além de ter acesso ao planetário inflável, oficinas de escavação e arqueologia, saúde bucal, funcionamento básico de energia fotovoltaica, comunicação comunitária, navegação à vela, produção de gelatina de algas marinhas e palestra sobre a importância da coleta seletiva e preservação do meio ambiente. A Oficina de Trocas, levada por funcionários do Instituto Virtual Internacional de Mudanças Globais (IVIG), despertou o interesse dos moradores com uma metodologia simples. A atividade consistia em uma pessoa pegar qualquer objeto que estivesse à disposição,



Daniel Gomes

Atividades lúdicas e recreativas para crianças e jovens em Paraty

desde que deixasse algo em troca. As crianças, que não tinham objetos à mão, puderam participar “deixando conhecimento” em troca dos artigos expostos. A atividade fez tanto sucesso que moradores também realizaram substituições de livros e roupas usadas, por outros itens. Foram contabilizados cerca de mil estudantes do ensino fundamental e médio da rede pública e privada de ensino, além de escolas indígenas e rurais. Esse intercâmbio com a comunidade de Paraty tem o intuito de fortalecer as ações da UFRJ que já vêm sendo desenvolvidas no município, e propiciar outras possibilidades de troca. A próxima edição da Festa do Mar e do Sol está prevista para meados de 2016, em Paraty, enquanto o Festival UFRJ Mar ocorrerá em novembro, na cidade de Búzios. Venham participar!

A extensão tecnológica em livros

'Trilogia SOLTEC' e 'Autogestão em Empresas Recuperadas por Trabalhadores' trazem pesquisas e reflexões sobre o papel social da Engenharia

Kellen Aires

Em março de 2013, o Núcleo de Solidariedade Técnica (SOLTEC/UFRJ) completou sua primeira década. Ao longo desses 10 anos, o SOLTEC desenvolveu um amplo trabalho no âmbito da extensão universitária, da pesquisa e do ensino tornando-se referência de atuação na área de extensão tecnológica, assim como, nos assuntos de Tecnologia Social, Economia Solidária e Pesquisa-ação. Com a data comemorativa, veio junto o desejo de sistematizar a história do SOLTEC, registrando sua trajetória e as reflexões teóricas. Como o primeiro livro produzido pelo Núcleo, chamado *Tecnologia e Desenvolvimento Social e Solidário*, tratava-se de um compilado de reflexões de outras pessoas sobre os diferentes temas que envolvem o SOLTEC, a obra referente aos dez anos teria que se tornar a principal fonte para compreender, aprender e refletir sobre essa experiência "A ideia era lançar um livro que sistematizasse o que a gente desenvolveu nesse período de dez anos. Nós tínhamos produzido o primeiro livro com base no Encontro Nacional de Engenharia e Desenvolvimento Social (ENEDS), mas até então não tínhamos um

material exclusivo sobre o nosso trabalho, sobre a nossa história. Para fazermos a divulgação do que era realizado no SOLTEC, levávamos para os ENEDS esse mesmo livro todos os anos, desde de 2005", explica o Coordenador Geral do SOLTEC, Felipe Addor. A proposta da criação do livro encontrou alguns obstáculos pelo caminho, fazendo com que o livro fosse lançado somente em agosto deste ano, durante o XII ENEDS, em Salvador (BA). A espera valeu a pena, pois desta vez não era somente um único livro e sim a Trilogia SOLTEC, composta de artigos resultantes de pesquisas, reflexões sobre projetos, dissertações e teses, feitas a dezenas de mãos, de diferentes formas e em diferentes momentos, que ajudaram a narrar a técnica e a Engenharia a partir de uma perspectiva mais solidária. "Agora é diferente, temos uma produção atualizada, produzida por nós mesmos e isso valoriza nosso trabalho. Chegar no ENEDS e ver a boa repercussão que a *Trilogia SOLTEC* teve, é gratificante", relata. A coletânea é organizada por temas como: Participação e Democracia, Tecnologia e Sociedade, Economia Solidária e Autogestão,

e Território e Desenvolvimento Local, ou seja, se o interesse do pesquisador for uma referência específica, os livros podem ajudar de maneira objetiva "Por sermos referência na extensão universitária voltada para Tecnologias Sociais e Pesquisa-ação, muitas pessoas que pesquisavam vinham nos procurar para obter informações, e nós não tínhamos um material que centralizasse nossas produções. Para ajudar a construir o primeiro livro Tecnologia e Desenvolvimento Social e Solidário, tivemos que recorrer a outros livros das áreas de Economia, Sociologia e Antropologia. Então, pensamos em ter tudo isso reunido num só livro", conta Addor.

O primeiro volume, *Percursos na Extensão Universitária: saindo da torre de marfim*, é composto por

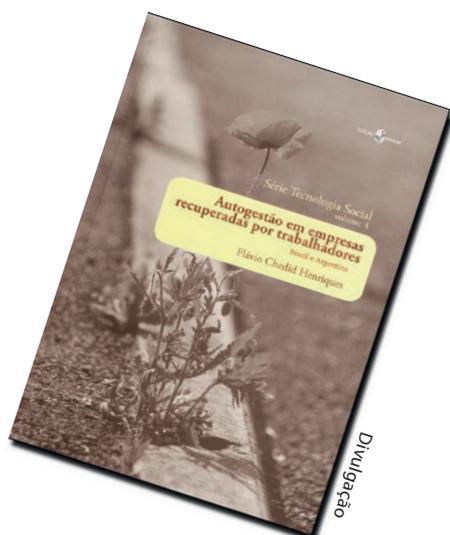


projetos que foram realizados ao longo desses anos, como por exemplo: a Rede Solidária da Pesca e o Encontro Nacional de Engenharia e Desenvolvimento Social. O segundo volume, *Extensão e Política Pública: o agir integrado para o desenvolvimento social* traz artigos sobre projetos recentes, que estão em andamento ou foram concluídos nos últimos anos, como: Rio Economia Solidária, Gestão Compartilhada na Baía da Ilha Grande e Etnodesenvolvimento. E por fim, o terceiro volume, *Participação e Território: reflexões a partir da prática extensionista*, reúne as principais reflexões teórico-metodológicas desenvolvidas pelos pesquisadores do núcleo durante esse período. Ao final de cada artigo os autores fazem uma análise, uma reflexão sobre os principais avanços, as principais dificuldades e conquistas. “Mas no livro não ficamos só exaltando as ações dos programas e projetos, mostramos também as dificuldades e as contradições da extensão”, conclui Felipe Addor.

Empresas Recuperadas e Autogestão

A pesquisa conduzida pelo Grupo de Pesquisa em Empresas Recuperadas por trabalhadores (GPERT) identificou que no Brasil existem 67 empresas recuperadas por trabalhadores (ERTs), com 11.704 trabalhadores, sendo quase metade (45%), do ramo da metalurgia. A atividade têxtil ocupa o segundo lugar com 11 empresas (16%). Em seguida, vêm nove empresas no ramo alimentício (13%), e sete empresas que atuam na indústria química e de plástico (10%). Sendo que nas regiões Sudeste (55%) e Sul (32%) do país, é onde existe maior concentração de ERTs. Parte desses dados encontram-se no livro *Autogestão em empresas recuperadas por trabalhadores - Brasil e Argentina*, de Flávio Chedid Henriques. A produção é o quarto volume da Série Tecnologia Social da editora Insular e traz conceitos e teorias sobre as possibilidades da autogestão e as transformações no mundo do trabalho. No SOLTEC desde 2004, o pesquisador é pós-doutorando do Instituto de Pesquisa e planejamento Urbano e Regional e conta com apoio da CAPES para aprofundar sua pesquisa. “Durante o mestrado e o doutorado meus objetos de estudo foram fábricas recuperadas por trabalhadores. Ainda na graduação fiz um estágio numa fábrica metalúrgica de modelo tradicional, onde observei a relação “patrão x trabalhador” e percebi que não era agradável. Se

não foi agradável para mim como estudante de Engenharia, imagine para quem recebia ordens mais pesadas do que eu. Então, meu envolvimento com a autogestão foi a partir daí, antes mesmo de entrar no SOLTEC”, explica o pesquisador Flávio Chedid. O livro relata experiências de empresas que passaram pelo processo de falência e foram recuperadas por seus trabalhadores e analisa o quanto a organização do trabalho dessas iniciativas diferem das empresas tradicionais. “No livro, tentei fazer um contraponto, analisando o que é a organização do trabalho tradicional, o que essas experiências trazem de novo e também o que elas trazem de antigo”, relata Chedid. Essa pesquisa de campo se estendeu ao país vizinho, Argentina, onde foram avaliadas experiências autogestionárias com uma perspectiva teórica atual e real das iniciativas, sem observar somente os ganhos financeiros ou de produtividade. A análise das inovações do ponto de vista da organização do trabalho empreendidas pelas experiências de empresas recuperadas são importantes para a construção de novos modelos de produção. A perspectiva da pesquisa, simbolizada pela flor do asfalto presente na capa, é de que o novo se constrói dentro do modo de produção hegemônico. ■



Divulgação

Baía Viva e a RESEX de Itaipu

Douglas Callegario, Marianne Zanon,
Maycon Correia e Sidney Lianza

A baía de Guanabara, segunda maior baía em extensão do Brasil e terceira maior do mundo, abarca diversos municípios do estado do Rio de Janeiro. Sua barra abrange desde Copacabana, na cidade do Rio, até a ponta de Itaipu, em Niterói. A grande biodiversidade existente no ecossistema da baía, aliada às feições geomorfológicas do litoral, configuram uma linda e única paisagem. Historicamente, a baía se configurou como local de vida e trabalho, mas, atualmente, as cerca de 10 milhões de pessoas que sobrevivem em suas margens enfrentam condições precárias de saneamento básico. Um dos principais problemas é a poluição do ecossistema da baía. Um estudo da Fundação Henrich Böll Stiftung afirma que hoje 18 mil litros de esgoto são despejados por segundo em suas águas. Os investimentos na despoluição vem sendo feitos há mais de vinte anos com dinheiro nacional e internacional (estima-se quase R\$10 bilhões), porém os projetos desenvolvidos não se integram, o que causa estagnação. Um dos movimentos para denunciar essa problemática, organizado pela campanha Baía Viva,



Pescadores (José S, ago 2014)

foi uma barqueata que reuniu esportistas e pescadores que lutam para ter algum controle social sobre a questão. A Associação Livre dos Pescadores e Amigos da Praia de Itaipu (ALPAPI) esteve presente levantando a bandeira da implementação da RESEX Marinha de Itaipu. A Pesquisa-ação na Cadeia Produtiva da Pesca no Litoral Fluminense (PAPESCA) é parceira da (ALPAPI)

e do Museu de Arqueologia de Itaipu nesse processo por meio de um programa de formação dialógica dos pescadores, pescadoras e integrantes de comunidades tradicionais do território em gestão participativa socioambiental. Esse programa é denominado por **Arrasto de Empoderamento - Itaipu.**

Mais informações :

[Facebook.com.br/resexitaipu/](https://www.facebook.com/resexitaipu/)

Reportagem sobre a Barqueata Baía Viva:

<https://youtu.be/oEraz6DKjKQ>

Ou inventamos ou erramos

Caminhos latino-americanos para a democracia

Por Allysson Borges, Felipe Addor, Judith Bustamante, Layssa Maia e Marina Puertas

A América Latina tem sido palco de um conjunto de experiências de democratização do Estado e de tomada do poder pelo povo, sendo considerada o laboratório político do mundo. Seja a partir de movimentos sociais, de organizações dos trabalhadores, de povos indígenas, seja por iniciativas de governos locais ou até nacionais, em vários países são desenvolvidas práticas que buscam repensar o sistema democrático representativo liberal. Nesse cenário, a Venezuela se apresenta como uma grande referência. Os movimentos sociais, os conselhos, as assembleias e outros mecanismos de participação popular sempre estiveram ligados à história do país, influenciando sua democracia, tornando-a mais participativa e inclusiva. Em 1998, com a chegada de Chávez ao poder, ocorreram profundas transformações políticas, possibilitando amplas melhorias nas condições de vida da maior parte da população pobre e potencializando ainda mais esses instrumentos. A experiência desenvolvida em Torres, município venezuelano, é uma das mais avançadas na construção da democracia participativa. A formação histórica

inicial deixou legados que puderam ser germinados ao longo do tempo, por meio do desenvolvimento da educação política da população e da integração entre o governo nacional de Hugo Chávez, a gestão de Júlio Chávez como prefeito e a organização da população torrense em Consejos Comunales e Comunas, espaços onde são compartilhadas ideias, soluções e decisões para fortalecer o povo como seu próprio gestor. Para fortalecer essa iniciativa, foi necessário desenvolver planos e medidas que possibilitassem uma reforma política, onde sociedade e Estado pudessem se integrar e, desta maneira, mudar o cenário tradicional, construindo uma relação transparente e possibilitando a democracia participativa

protagônica. Atualmente, apesar da morte de Hugo Chávez, Torres segue como destaque na luta pela consolidação do poder popular e fortalecendo os espaços participativos. No Núcleo de Solidariedade Técnica (SOLTEC/UFRJ), o projeto Democracia Participativa e Poder Popular na América Latina (PPAL) se dedica a estudar práticas democráticas participativas, como a vivenciada em Torres, e tem como um de seus objetivos produzir um vídeo-documentário que conte essa história. Para isso, o PPAL se integrou a outro projeto de extensão, o “Poder Popular e Campesinato: memória, arte e resistência”, que visa produzir, por meio da construção coletiva do aprendizado, vídeos sobre poder popular, participação



Mural de Los Arangues, comunidade rural localizada em Torres

Êêêcha!

e democracia, a fim de possibilitar que essa história alcance mais pessoas e inspire outros movimentos similares em toda a América Latina. Nos últimos meses de agosto e setembro, com o objetivo de conhecer mais de perto a experiência venezuelana, além de realizar entrevistas e captar novas imagens para o

vídeo-documentário, a equipe do PPAL teve a oportunidade de visitar a Venezuela. Uma viagem de lindos encontros: com uma cultura histórica e política admirável por ser tão enraizada em seu povo, com longas trajetórias de lutas e conquistas, com uma crença inabalável na união e na integração dos povos latino-americanos e, mais que tudo, um

encontro com uma sociedade que acredita e busca por sua própria transformação, e nos ensina que é possível olhar em uma outra direção e construir um mundo novo. ■

A galera do projeto buscou ajuda para a viagem em um site de financiamento coletivo!

Assista o vídeo: <https://beta.benfeitoria.com/poderpopular>

Sorria, você está sendo vigiado

Celso Alvear e Pedro Braga

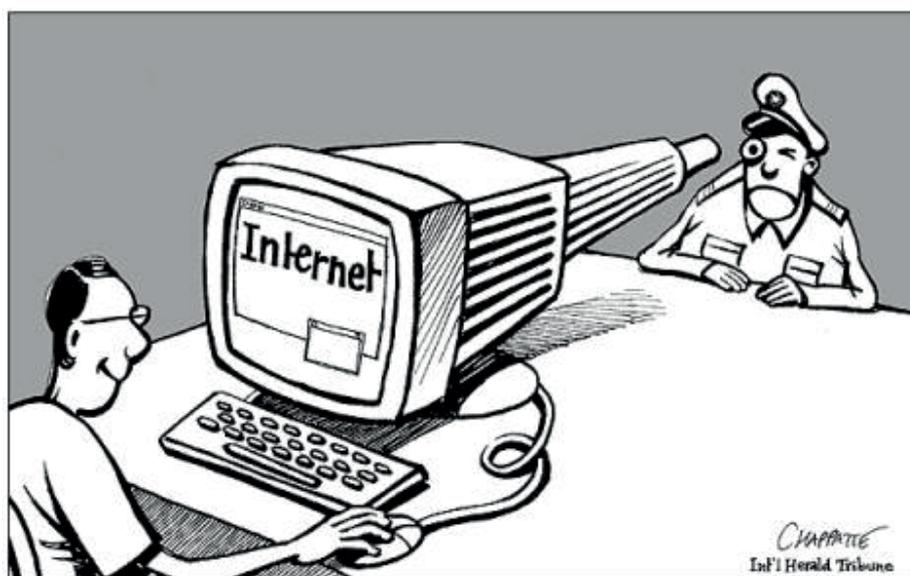
Até pouco tempo, aqueles que diziam que estávamos sendo vigiados na internet eram chamados de paranoicos. Para a maioria das pessoas, esse tipo de vigilância existia apenas na ficção científica, como no livro 1984 de George Orwell, no qual surgiu o personagem Big Brother. Este representava uma nação/corporação que vigiava todos os cidadãos a procura de rebeldes ou transgressores que ameaçavam a estabilidade do sistema.

No caso da China, Coreia do Norte e Irã, todos sabiam dessa vigilância, pois era constantemente noticiada pela grande imprensa. Esses países, considerados pelos Estados Unidos totalitários e em alguns casos chamados do eixo do mal, eram constantemente criticados por vigiar cidadãos sem processo jurídico, sendo acusados de fazerem perseguições políticas. Vimos também alguns casos específicos de vigilância e controle da internet mesmo nos países

ocidentais. Um exemplo recente foi a Inglaterra que tentou bloquear mídias sociais e mensagens de texto durante os protestos de 2011.

Porém, as revelações feitas por Edward Snowden em junho de 2013 sobre o sistema PRISM confirmaram que a paranoia tinha razões concretas para existir. O governo americano, junto com grandes empresas como Google,

Facebook, Apple, Yahoo, Microsoft e Skype estão vigiando de forma massiva a internet. Para isso, também trabalha com empresas de telecomunicações, responsáveis por redes de comunicação e telefonia. Essa vigilância é feita em todo o mundo e de forma indiscriminada, ou seja, qualquer um de nós está sendo vigiado a todo momento. E pior, nós facilitamos cada vez mais essa vigilância,



(revistacult.uol.com.br)

pois colocamos voluntariamente informações nossas na web. Conservadores gostam de dizer que quem não deve não teme. Defensores da vigilância argumentam que ela facilita a prisão de criminosos na rede. No entanto, estes argumentos não se sustentam. Essa vigilância está sendo usada para monitorar protestos populares, mobilizações de movimentos sociais e greves de sindicatos. Caso voltemos a ter um governo ditatorial podemos imaginar as consequências nefastas dessa vigilância, pois já vemos o autoritário resultado desta com os governos que temos: pessoas sendo presas arbitrariamente nos protestos, grupos políticos como anarquistas sendo presos e acusados de liderar vandalismo com aconteceu no Rio Grande do Sul etc. Nos EUA, a vigilância é utilizada para descobrir fontes de vazamento de dados para jornalistas. Em muitos casos, estes vazamentos expuseram abusos cometidos por militares ou ações ilegais do governo. Além disso, outra questão que deve ser levantada se refere ao risco da soberania nacional. Como ficou provado no caso do Prism, o governo norte-americano tinha sedes de vigilância aqui no Brasil que monitoravam comunicações estratégicas de governos e de empresas. Assim, podem usar esses dados para favorecer empresas nacionais, em detrimento de empresas brasileiras. Por exemplo, podem obter dados confidenciais da Petrobras de exploração ou de propostas da



Sessão de votação do Marco Civil da Internet na Câmara dos Deputados (https://pt.wikipedia.org/wiki/Marco_Civil_da_Internet)

Embraer em uma concorrência com empresas americanas para vender aviões. Ou podem obter dados de pesquisas inovadoras de universidades brasileiras para patenteá-las em seu favor. Tudo isso mostra a importância de termos mais cuidado com nossos dados. Uma das opções é usar ferramentas que dificultem a vigilância: <https://prismbreak.org/>. Além disso, temos que investir cada vez mais no desenvolvimento de softwares e hardwares livres, de forma a garantir que estes não tenham embutidos mecanismos de vigilância. No caso do Brasil, temos algumas batalhas a enfrentar. Um avanço recente que tivemos foi a aprovação do Marco Civil da Internet em abril de 2014, que garantiu aos usuários no Brasil a neutralidade da rede, o direito a privacidade e proibiu a censura privada por parte dos provedores de conteúdo (ver mais em <http://movimentomega.org.br/>). Agora a luta é para fazer essa legislação valer frente ao poder econômico proibam que empresas de telecomunicações que atuem aqui

no Brasil sejam estrangeiras, e de preferência que tenham uma estrutura estatal de telecomunicações principalmente para tráfego de dados estratégicos governamentais (órgãos públicos, universidades, empresas estatais etc).

Por fim, uma diretriz que devemos sempre ter em mente é por um lado lutar pela privacidade e proteção para os pequenos (cidadãos) e, por outro lado, exigir controle e transparência para os grandes (governos e empresas). Temos alguns exemplos interessantes que devemos fortalecer nesse segundo sentido, como o movimento de Dados Abertos, o Transparência Hacker, o Meu Rio e sistemas como o Proprietários do Brasil, o Intermapas e cartografias de justiça socioambiental.

Esses são alguns caminhos a se seguir. É fundamental realizarmos muitos debates públicos para esclarecer a todos sobre o assunto e nos prepararmos para uma grande batalha, pois estamos indo contra o interesse de grupos poderosos. ■

Sem Terras ocupam o Latifúndio do Saber

Marina dos Santos*

Uma das maiores preocupações do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), além da luta e conquista da terra, é com a educação de seus membros, desde as crianças e jovens aos adultos e anciões. Isso é comprovado pelo fato de que quando ocorre uma ocupação de latifúndio improdutivo, a primeira barraca que é montada, é a escola. Com essa preocupação, além da conquista das mais de 1.800 escolas, o MST tem avançado na parceria com universidades públicas por todo país e garantido a formação acadêmica profissional para mais de 3.000 mil jovens em diversas áreas como: de educação, serviço social, história, geografia, agronomia,



Plantação da Cooperativa Copaterra



Estrada do Assentamento Terra Prometida do MST (Duque de Caxias, RJ)

medicina veterinária, jornalismo, artes, administração, dentre outras. Nesse sentido, o Núcleo de Solidariedade Técnica (SOLTEC/UFRJ) está iniciando uma parceria com o MST e sua escola de formação política e profissional, a Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF), que promete ser duradoura. Em pouco tempo, várias atividades e ações estão sendo realizadas em conjunto, como: realização do planejamento estratégico de 2015 do Soltec na ENFF; estágio de cinco estudantes do curso de serviço social da turma PRONERA/ENFF/ESS/UFRJ no SOLTEC; assessoria à Cooperativa de Produção Agroecológica Terra Fértil COOPATERRA do Assentamento Terra Prometida em Nova Iguaçu; produção

de pesquisas de mestrado voltadas para os projetos com o MST; acompanhamento técnico à COOPSCAMP em Campos dos Goytacazes; participação na Feira Estadual da Reforma Agrária que se realiza no início de dezembro no Largo da Carioca; interesse de participação de integrantes das cooperativas no mestrado do Nides; e pensar possibilidade de cursos de graduação voltados para o contexto dos assentamentos da reforma agrária.

As atividades do SOLTEC com o MST demonstram o grande compromisso com uma engenharia popular colocada à serviço da classe trabalhadora e os desafios dessa construção. ■

*Marina dos Santos é graduada em Serviço Social, membro da Coordenação Nacional do MST e extensionista do SOLTEC.

Relatando a opressão da mulher negra na terceirização

Néia Nascimento*

Gostaria de começar esse texto relatando o quanto a mulher negra é valorizada e reconhecida profissionalmente e o quanto a disputa no mercado de trabalho é igualitária. Mas voltemos à realidade. A precarização da terceirização não é novidade para ninguém, porém a sua marca dolorosa na saúde e na crueldade com a mulher é de tal transparência que mutila. Principalmente as mulheres negras e pobres. Essas sentem na pele o peso da terceirização, pois normalmente não lhes sobra opção. Uma vez que o mercado de trabalho seleciona o estereótipo de mulheres bonitas, de cabelos lisos e brancas, sobram para as negras (cuja as oportunidades são desiguais) os serviços gerais, empregos de domésticas ou qualquer outro que as escondam. O capitalismo usa de forma sutil o racismo e a discriminação de gênero para aumentar a exploração. E isso é visível quando ele reduz ainda mais os salários recebidos por trabalhadores negros e principalmente mulheres. Observem os dados do Coletivo Negro Perifa Zumbi: Tendo como referência o salário médio dos homens brancos, as mulheres brancas recebem 70% desse valor, os homens negros, 57%, e as mulheres negras, em média, recebem pouco mais de 40%.

Além disso, 43% das mulheres negras são trabalhadoras que exercem funções laborais sem remuneração para consumo próprio e 58% das trabalhadoras domésticas não têm carteira assinada. Nas empresas privadas que assinam carteira a situação não é diferente, pois as mulheres negras são a minoria, contabilizando 13%. Das famílias chefiadas por mulheres e com renda de um salário mínimo, 60% têm à frente mulheres negras.

Pois bem, diante desses dados, podemos perceber que a sociedade é cruel com as trabalhadoras mulheres e negras, excluindo por uma posição machista a chance de emprego, principalmente de jovens negras, de alcançarem seu lugar ao sol, ou seja, sua ascensão profissional. ■

"A liberdade não é dada voluntariamente pelos opressores; ela deve ser exigida pelo oprimido!"

Martin Luther King



Lideranças dos Trabalhadores Terceirizados da UFRJ (ATTUFRJ) (da esquerda para direita: Luciana Calisto, secretária geral; Flávia Rosalina, tesoureira; Néia Nascimento, presidente e Terezinha da Costa, vice-presidente)

**Néia Nascimento é integrante da Associação dos Trabalhadores Terceirizados da UFRJ (ATTUFRJ).*

A atuação do CAEng na construção de uma Engenharia crítica

Por Lucas Ribeiro

O Centro Acadêmico de Engenharia da Escola Politécnica, CAEng, é a organização de representação do corpo discente que atua em prol dos interesses dos alunos dentro da universidade. A necessidade de fortalecimento da representação estudantil torna-se ainda mais notável com a crescente mudança de perfil dos alunos ingressantes nas engenharias, com a maior presença de mulheres, pessoas negras e, em especial, jovens de baixa renda que dependem da assistência estudantil para permanecerem na universidade. O CAEng deve atuar não somente de forma a garantir que todo o corpo estudantil tenha acesso a uma

formação curricular plena, mas também crítica, que dialogue com as reais necessidades da sociedade em que estamos inseridos, sendo a extensão uma ferramenta primordial nesta aproximação. A necessidade do fortalecimento de grupos, antes menos presentes, pede a quebra de uma realidade cristalizada. O CAEng torna-se um espaço para articulação da necessidade de uma formação com maior consciência política, por meio da retomada do papel influenciador das engenharias, não apenas no âmbito universitário e das grandes empresas. A reestruturação só pode acontecer através do reconhecimento

das vivências de todas e todos, com a compreensão do contexto social e político em que a universidade está inserida. A construção de consciência é vital para a problematização das origens dos problemas que enfrentamos e guiar uma onda de transformações para uma engenharia crítica, através do debate e participação de todos os grupos presentes. Desta forma, o centro acadêmico só pode ter força enquanto representação se este for eleito de forma democrática e legítima, sendo construído pelos estudantes e para os estudantes. ■



Fábio Hafner

XII Encontro Nacional de Engenharia e Desenvolvimento Social (ENEDS) Salvador, 2015

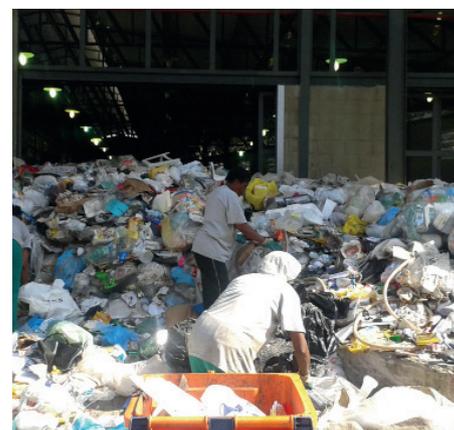
Reciclagem com inclusão social dos catadores: fortalecimento de políticas públicas municipais

Camille Perissé, Flávia Alves, Jéssica Magalhães, Lígia Santana, Lilian Barbosa, Oscar Viera, Rosina Pérez e Tatiane Medeiros

A crescente produção de resíduos pela sociedade nos coloca diante do desafio de dar um destino adequado ao que descartamos. Segundo o Panorama dos Resíduos Sólidos no Brasil publicado em 2014, o país produziu no último ano aproximadamente 78,6 milhões de toneladas de resíduos sólidos urbanos, dos quais uma parte poderia ser reciclada, gerando uma renda de mais de 10 bilhões de dólares. Porém, na prática não é exigida aos municípios a adoção de programas de coleta seletiva com inclusão dos catadores, o que dificulta a estruturação das cadeias da reciclagem. Há apenas uma menção na Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), Lei 12.305, aprovada em 2010, que estabelece a redução, o reaproveitamento e a reciclagem como ordem de prioridades na gestão dos resíduos sólidos. Além disso, a meta estabelecida de fechamento dos lixões a céu aberto até 2014, cujo prazo foi prorrogado por descumprimento da maior parte dos municípios do Brasil, tende a fortalecer a solução dos aterros sanitários como destinação final dos resíduos, mesmo os recicláveis. A partir dos anos 90, a maior quantidade e diversidade de embalagens presentes nos resíduos

sólidos fez com que a presença dos catadores fosse mais frequente nas ruas e lixões das cidades brasileiras. Num cenário da geração desenfreada de resíduos, os catadores ganham importância pelo evidente caráter de utilidade pública como prestadores de serviços. No entanto, ainda são poucas as prefeituras que reconhecem e realizam o pagamento por serviços ambientais para as cooperativas. A estimativa do IPEA, com base no censo de 2010 do IBGE, aponta a existência de 387.910 catadores no Brasil. Calcula-se que 10% dessa população estão organizados em cooperativas ou associações. Presentes em diversas etapas, os catadores são determinantes para consolidar as cadeias produtivas da reciclagem. Para tornar a cooperativa viável economicamente, os catadores precisam de políticas públicas que melhorem as condições de trabalho. Como por exemplo adequando um galpão, adquirindo equipamentos, veículos e programas de capacitação. O mercado de recicláveis tem mostrado que equipar a cooperativa para que processe maior volume de material reciclável não é suficiente para gerar uma renda adequada para os cooperados e ainda

arcar com os custos inerentes a um empreendimento. A contínua variação de preços de venda dos materiais faz com que a receita da cooperativa seja imprevisível. Os fatos apontam que a viabilização de uma cooperativa se dá, muitas vezes, não unicamente pela venda dos materiais, mas por outra fonte de receita, como a contratação como prestadora de serviço por prefeituras. Uma das linhas de atuação da Rede de Informação e Pesquisa em Resíduos (RIPeR) é o fortalecimento das cooperativas através da capacitação constante, organização em cooperativas ou associações, articulação em rede para ganhar escala na comercialização e qualificação para a autogestão. Acreditamos que é dessa forma que as cooperativas podem alcançar um estágio de profissionalização para prestar esse serviço para a sociedade.



Catadoras da cooperativa CoopFuturo (Irajá)



Síntese cínica

Trago em mim
a desfaçatez necessária
pra ser apenas um
enquanto os seres que me habitam
movem-se em direção
a um esquarteramento.

Trago ainda
o desejo de,
dialeticamente,
encontrar minha síntese
sem matar nenhum deles.

Disfarço os mais brutos
Distraio os obsessivos
Chacoalho os desatentos
Questiono os autocentrados
Tento respeitar todos
Sob o risco de um efeito dominó.

Ainda sou vários
Mais que todos separados
Ainda menos que uma verdadeira síntese.

Não descobri como dominá-los.

Flávio Chedid, 2015

1º de Março

Todos estão com pressa,
todos querem chegar,
todos estão tentando ultrapassar.
O chinelo está perdido,
A senhorinha não sabe por onde passar.

Se para lá não for,
não passa você,
não passa eu,
não passa boiada.

Fala o sotaque espanhol ao celular,
Falam os dedos nas telas.
Levanta o jovem para a senhora
Levanta a jovem para o senhor e seu pobre
joelho.

Concorda! Inevitável concordar,
Diz sim a cabeça insistente
enquanto todos querem me ultrapassar,
enquanto dormem os olhos
bem devagar.

Todos estão com pressa,
todos querem chegar.
Contudo no momento eu só queria sentar.

Rodrigo Carvalho, 2015

Depois de Pernambuco

Quero viver pelo sorriso inexplicável da nordestina
que se orgulha do menino e da menina
que diz "a vida é isso... é luta constante"
e que sorri mais uma vez, e outra vez acrescenta
Amor ao meu ser já amante

Quero viver pelo sotaque mole oferecendo
"é de bom coração"... por aquele sorriso sereno
comentando como hoje foi baixo o movimento
e pelas pegadas formando na areia um caminho
debaixo de Sol e de Lua, contra o vento.

Quero viver pelo coração que toca
tom de alfaia, bum de surdo. Que bate sempre
mas só toca em roda
coração de ciranda, virada de mundo

Nessa roda minh'alma se com-partilha
dentro dos seres e da gente, que levam e deixam
saúde mas pedacinhos não ficam perdidos, e nem
a alma fica metade
eles dançam quando se encontram
sua soma é liberdade

Quero viver
Quero viver porque podemos ser.
Mais que gente distante, mais que frações de classe
Juntos, podemos ser
Humanidade

Camille Perissé, 2015

Êêêtcha!

Expediente

Diretor do Nides

Walter Issamu Suemitsu

Coordenador Geral do SOLTEC

Felipe Addor

Vice-coordenador do SOLTEC

Sandro Nascimento

Editora

Kellen Aires

Edição de arte e diagramação

Ana Castro

Edição Web

Arthur Guilherme

Revisão e redação

Maitê Ramos

Agradecimentos:

Ana Castro
Mariana Rio
Renata Melo

Redação:

Associação dos Trabalhadores Terceirizados da UFRJ (ATTUFRJ)

Néia Nascimento

Programa Rede de Informação e Pesquisa em Resíduos (RIPER)
Camille Perissé, Flavia Alves, Jéssica Magalhães, Lígia Santana, Lilian Barbosa, Oscar Viera, Rosina Perez e Tatiane Medeiros.

Programa Pesquisa-ação na Cadeia Produtiva da Pesca no Litoral Fluminense (PAPESCA)
Douglas Callegario, Marianne Zanon, Maycon Correia e Sidney Lianza.

Programa Tecnologias da Informação para Fins Sociais (TIFS)
Celso Alvear e Pedro Braga

Projeto Democracia Participativa e Poder Popular na América Latina (PPAL)
Allysson Borges, Felipe Addor, Judith Bustamante, Layssa Maia e Marina Puertas.

Projeto Etnodesenvolvimento e Economia Solidária
Stephanie Carolina

Projeto Assessoria de Gestão e Produção na Coopaterra
Marina dos Santos

Centro Acadêmico de Engenharia da Escola Politécnica (CAEng)
Lucas Ribeiro



Núcleo de
Solidariedade
Técnica

Entre em contato:

(21) 3938-7780

comunicacao.soltec@nides.ufrj.br

Av. Athos da Silveira Ramos, 149, Centro de Tecnologia - UFRJ,
Cidade Universitária - Ligação ABC, sala 112. CEP: 21941-909